BRINCADEIRA(S) NA EDUCAÇÃO INFANTIL: MÚLTIPLAS EXPERIÊNCIAS

Kaliane Kelly Batista

Universidade Federal de Campina Grande – kalianekellybb@gmail.com

Zildene Francisca Pereira

Universidade Federal de Campina Grande –

denafran@yahoo.com.br

**Resumo:**

Este artigo tem como objetivo central, apresentar o resultado de uma pesquisa desenvolvida como trabalho monográfico TCC, no curso de licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal de Campina Grande/PB. A pesquisa se deu com o intuito de pesquisar acerca das brincadeiras na Educação Infantil a partir da percepção de docentes e de suas práticas nas salas educativas com crianças. A pesquisa foi de caráter qualitativa, realizada com quatro professoras de modo que fizemos uma entrevista semiestruturada, em duas intuições públicas que contemplam o trabalho educativo com a creche e pré-escola na cidade de São João do Rio do Peixe/PB. Como resultados da pesquisa, foi possível perceber, que a brincadeira tem sido um meio de possibilitar o desenvolvimento da criança, em que há no espaço escolar essa busca diária de trabalhar o desenvolvimento integral por meio do lúdico, das experiências que se interligam com a brincadeira na vida das crianças, bem como o entendimento de que a brincadeira favorece o processo de ensino-aprendizagem e o desenvolvimento de diferentes habilidades.

**Palavras-chave:** Brincadeiras. Infâncias. Educação Infantil.

**Introdução**

O presente trabalho é um recorte do segundo eixo temático da análise dos dados da monografia intitulada “Infâncias na Educação Infantil: tecendo novas compreensões.” Com isso, é relevante destacar aqui a problemática que foi trabalhada: Qual a concepção de infâncias de professores da Educação Infantil e como desenvolvem atividades educativas, mediante a existência de crianças com infâncias diferenciadas?

Dessa forma, ao longo das discussões que apresentaremos, nesse trabalho, tivemos o objetivo de averiguar o entendimento da brincadeira no processo de ensino-aprendizagem de professoras e como são desenvolvidas as práticas educativas com crianças de zero a cinco anos na Educação Infantil.

Embora o foco da monografia seja a discussão das infâncias na Educação Infantil, temos, também, o foco nas brincadeiras que são realizadas em sala de aula, a partir da discussão do segundo eixo temático trabalhado na monografia.

**A brincadeira: vivências e experiências na Educação Infantil**

Nessa segunda temática, priorizamos na análise o que significa a brincadeira na vida das crianças que estão na Educação Infantil e como estas são percebidas a partir da visão das professoras. Dessa maneira, compreendemos que para a vivência da(s) infância(s) é de suma importância, que a criança tenha o contato com o brincar, tendo em vista, que as brincadeiras são grandes aliadas na contribuição do desenvolvimento da criança, contribuindo para a construção social, a partir do pensamento crítico, sendo esta produtora de cultura.

Buscamos acentuar aqui, que a história da infância, se liga constantemente a criança em torno de uma visão de mundo voltada para o lúdico, para as relações atribuídas às diversas brincadeiras construídas em relação com outras crianças. Nesse víeis, Dornelles (2001, p. 103) nos mostra que “O jeito de lidar, organizar, propor, respeitar e valorizar as brincadeiras das crianças demonstram, através da história da infância, o entendimento que se tem de criança.” Entender a brincadeira, é também uma forma de compreender a criança, perceber como esta vive, como são suas experiências com o meio em que está inserida, e suas significações a respeito da(s) infância(s).

Inicialmente trazemos a fala de uma professora que retrata a sua concepção sobre o que seria a brincadeira. Com isso, Milly responde que:

Eu vejo como essencial, porque a criança que não brinca, ela não tem assim, como se expressar, os sentimentos, se expressar com a pessoa [...] o brincar já está ligado a criança, dessa vivência da infância [...] a gente vê que as crianças não tem o hábito de brincar e é preocupante, porque eu vejo que é na brincadeira que a gente conhece muito da criança. [...] está relacionado ao que ela vivencia em casa e na brincadeira ou não você identifica.

A visão da professora é articulada a uma demonstração de ser essencial, pois é por meio da brincadeira que encontramos subsídios para contribuir para que a criança possa se desenvolver, expressar seus pensamentos, sentimentos, dores, sonhos, articulado as vivências (s) da(s) infância(s). Ela, ainda, expõe que há uma preocupação quanto à questão da criança não gostar de brincar, porque encontra um empecilho para que a criança não seja conhecida, já que na sua visão há muito o que conhecer da criança no ato da brincadeira, das experiências, vivências, relações que ela mantêm fora da Creche e por meio do brincar isso é possível perceber, observando as atitudes e em que fase em que a criança se encontra.

Já a professora Luna enfatiza que a brincadeira “[...] é um momento crucial na vivência da infância [...] tanto na escola e em casa especialmente [...] é fundamental que ela brinque, seja estimulada, questionada para que possa realmente se desenvolver.” Aqui, a professora traz a visão da brincadeira relacionada com a infância, dando ênfase, que esse brincar não pode ocorrer só na escola, mas é necessário que haja essa atenção dos pais, em vista que a escola sozinha não dará um suporte total que contemple a vida da criança em geral, mas é imprescindível que nos ambientes externos a escola sejam propiciados brincadeiras para que a criança venha a desenvolver suas diferentes habilidades, aprendendo a se conhecer e atuar nos diversos espaços.

Mediante as falas das duas entrevistadas, Milly e Luna, podemos apresentar a visão de Dornelles (2001, p. 103) quando enfatiza que a “[...] criança se expressa pelo ato lúdico”, ou seja, a brincadeira faz parte da vida da criança desde o seu nascimento, até à vida adulta. O que podemos relacionar com a fala das professoras é que a criança consegue mostrar um pouco de si em meio às brincadeiras que são apresentadas, bem como pode compartilhar brincadeiras do seu dia a dia. Desta forma, o brincar propícia uma gama de experiências, de relações que se tornam importantes para o crescimento e amadurecimento da criança.

Podemos dizer que a criança é um indivíduo que produz sua própria cultura e no ato de brincar ela consegue trazer para a brincadeira suas expressões de mundo, de vivências, tanto na escola, quanto em outros espaços, por isso, é fundamental que ela tenha a possibilidade de brincar. Desse modo, Dornelles (2001, p. 103) evidencia que “[...] a brincadeira é algo de pertence à criança, à infância. Através do brincar a criança experimenta, organiza-se, regula-se, constrói normas para si e para o outro.” A brincadeira faz com que a criança crie e recrie o mundo a sua forma, fato esse que dará ênfase ao desenvolvimento social, afetivo, psicológico, motor e cognitivo. Desta maneira, não há como separar a brincadeira da(s) pluralidades das crianças e de suas vivências nas infâncias.

Prosseguindo a discussão, trazemos a fala da professora Maitê quando expressa sua ideia sobre a brincadeira apontando “[...] que a coisa mais importante é a brincadeira [...] é fundamental, música, coisa que mecham com as habilidades dele, eu faço o possível para trabalhar sempre [...]”. Aqui, ela enfatiza a importância de se trabalhar com a coordenação motora, com atividades que venham a contribuir para o desenvolvimento e aprimoramento das habilidades das crianças. Com isso, a importância trazida pela professora é perceptível, pois busca trabalhar com as brincadeiras para que possa ligar as experiências da criança com a dos demais colegas, o que se torna mais atraente, simples e chamativo para favorecer a interação entre as crianças.

De tal modo, a professora Mel evidencia que “[...] a forma dele aprender é brincando. Eles brincam, se divertem, interagem e aprende [...] o que a gente percebe é que em casa eles não têm um ambiente de brincar [...].” Mel articula sua fala, levando a brincadeira como uma forma das crianças aprenderem, brincarem, interagirem, se divertirem, ela aponta esses aspectos para definir a brincadeira com um olhar para a multiplicidade de possibilidades ao trabalhar com o brincar e mostra que em sua prática busca levar em conta a importância de inserir a ludicidade nos trabalhos com as crianças.

Em contrapartida, ela mostra que as crianças não têm a possibilidade de brincar em casa, ou seja, esse momento acaba sendo restringido apenas à Educação Infantil, fora dela às experiências com o brincar fica limitado, mas sabemos que é a partir da brincadeira que conhecemos um pouco mais de cada criança em sala de aula.

Assim, notamos que a particularidade de se trabalhar com a brincadeira decorre pelo fato de contemplar um trabalho diferenciado e lúdico. Trazemos dos Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil uma discussão que nos faz entender que “[...] por meio da articulação entre a imaginação e a imitação da realidade. Toda brincadeira é uma imitação transformada, no plano das emoções e das ideias, de uma realidade anteriormente vivenciada” (BRASIL, 1998, p. 27). A brincadeira contribui para a expressão dos sentimentos por meio da diversão, da criatividade enfatizada pelas entrevistadas, que condiz diretamente com RCNEI.

Desse modo, o trabalho do(a) professor(a) é essencial para com a Educação Infantil, pois mediante os avanços que vem ocorrendo a essa visão de professores(as), as práticas educativas são modificadas levando em consideração a integralidade das crianças, bem como a necessidade de se oportunizar brincadeiras que vá de encontro ao desenvolvimento como um todo. Nesse sentido, as Diretrizes Curriculares Nacionais, ressalta que

[...] nessa etapa deve-se assumir o cuidado e a educação, valorizando a aprendizagem para a conquista da cultura da vida, por meio de atividades lúdicas em situações de aprendizagem (jogos e brinquedos), formulando proposta pedagógica que considere o currículo como conjunto de experiências em que se articulam saberes da experiência e socialização do conhecimento em seu dinamismo.

É possível enfatizarmos que na Educação Infantil, a brincadeira é importante e necessária, tendo em vista, que a criança como sujeito de direitos, contempla essa prática de atividades lúdicas que venham a envolver brincadeiras. Essa questão é bem enfatizada por todas as professoras, trazendo a importância do brincar, da ludicidade e de envolver as brincadeiras no contexto das creches e pré-escolas. É relevante acentuar, que o trabalho com a ludicidade é bastante enfatizado pelas professoras, porém, em muitos espaços da Educação Infantil, ainda, tem sido fragmentado e precisa de uma abertura cada vez maior dos professores, para que haja um trabalho diferenciado e que contemple as diversas infâncias existentes nesses ambientes em que se há uma ligação entre cuidar, educar e brincar. Tendo em vista, a importância da brincadeira para a criança e para o seu desenvolvimento, para dar prosseguimento a entrevista, perguntamos as professoras como eram planejadas as brincadeiras para as crianças que frequentava a Educação Infantil. Obtivemos como resposta da professora Milly a seguinte afirmação quando diz: “[...] com certeza tem planejamento, algumas atividades a gente não planeja, porque criança você sabe que é uma coisa espontânea [...] a gente aproveita aquele momento que não foi planejado, mas tá acontecendo na sala [...].” O planejamento das brincadeiras aqui relatado ocorre de modo que em algumas situações não acontecem da mesma forma que foi articulado, pois em alguns momentos acontecem imprevisto e é necessário que haja uma flexibilidade no ato de planejar essas brincadeiras, justamente pelo fato das crianças serem espontâneas e por haver uma diversidade de experiências em um mesmo espaço. Quando perguntamos a professora Maitê, ela logo respondeu:

Eu sempre planejo [...] pesquiso brincadeiras novas [...] eu tenho alguns que começaram a estudar esse ano, eles não têm a coordenação motora boa, então eu tenho muito esse cuidado de trabalhar [...] eles já estão conhecendo as brincadeiras, uns gostam mais de umas e outros mais de outras, então a gente tem que entrar em um acordo.

Nesse ponto de vista, o planejamento está presente, a partir de um olhar voltado para as dificuldades em que as crianças demonstram ter, então a professora, está atenta a esse aspecto, busca trabalhar as necessidades que encontra, articula e direciona a hora do brincar, de modo que intervêm nos conflitos que podem surgir durante a brincadeira, bem como mantém o diálogo para que todos sejam contemplados.

Assim, vimos mediante as narrativas das professoras que o planejamento das brincadeiras, torna-se essencial, de modo que as falas de Milly e Maitê se complementam, pois mesmo as brincadeiras ocorrendo na própria sala de aula, elas sempre buscam trazer novas sugestões, acompanhar as experiências das crianças e aproveitar para brincar das brincadeiras que elas trazem também. Isso, torna o processo de ensino-aprendizagem importante, a partir da valorização da cultura da criança e dos novos sentidos que elas dão para a brincadeira no espaço educativo.

Nessa perspectiva, o planejamento das brincadeiras envolve todo um víeis de questões, que precisa ser pensado para que o brincar se concretize. Desse modo, Ostetto (2000, p. 175) traz o planejamento como sendo “[...] flexível e, como tal permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica”. O autor nos mostra, que há várias formas de mediação e que é possível repensar uma prática, para que ela seja significativa. Fazendo um elo com as entrevistadas podemos ver que a visão de planejamento trazida por elas, vai de encontro a uma prática refletida, contemplando as vivências das crianças a partir de novas formas de mediação e diálogo. A professora Luna frisa que busca trabalhar com as brincadeiras

[...] de forma planejada, de acordo com o planejamento que é realizado anteriormente [...] se a gente está trabalhando a semana da leitura, procura oportunizar para eles brincadeiras que estejam relacionada a essa temática [...] sempre não é brincadeira que esteja totalmente dissociada daquilo que foi trabalhado, sempre tem alguma relação [...] no nosso plano de aula, na conversa com a outra professora a gente já tem discutido, e vendo o que que a gente quer conseguir com aquela brincadeira para a criança.

Luna aponta que o planejamento realizado por ela prioriza as brincadeiras tendo em vista que há sempre objetivos para que elas não ocorram sem uma ligação com aquilo que vem sendo trabalhado com as crianças em sala de aula. Tudo se relaciona para que a brincadeira contribua para o desenvolvimento da criança, mostrando uma atenção especial e comprometida com a aprendizagem.

Entendemos a importância do planejamento, mas é necessário enfatizar que a questão de trabalhar com a brincadeira e planejá-la não deve estar enraizada à um pensamento que obrigatoriamente a criança tem que aprender algo com aquela brincadeira, pois a criança brinca por prazer, com alegria, para expressar suas emoções, para interagir com os demais, ou seja, necessariamente ela não tem que aprender todos os conteúdos com aquela brincadeira, mas em alguns momentos a brincadeira deve ser livre para descontrair e divertir. Para proporcionar momentos de brincadeira, Navarro; Prodócimo (2012, p. 634) dizem que é preciso levar em consideração

[...] que brincar não é apenas necessidade, mas direito das crianças, acreditamos que as instituições de educação infantil devem estar organizadas de acordo com as características das crianças e devem valorizar a brincadeira em seus espaços e tempos.

Dessa maneira, as brincadeiras como direito são experiências enriquecedoras para a criança, que precisa ter planejamento, como também ser flexível de acordo com as peculiaridades do processo educativo. Desse modo, a professora Mel, direciona sua fala dizendo duas visões sobre como procede a brincadeira e diz:

A gente planeja e também acontece de forma livre [...] a gente tem que se virar nos trinta, então a gente não consegue ser só professora, [...] a gente tem que dar banho, cuidar, dar comida, ajudar, porque é menino demais para uma monitora [...] o aprendizado aqui e mais na vivência deles, por exemplo quando eles estão com um brinquedo, a gente diz traga o brinquedo azul [...] A questão da brincadeira está ficando um conflito, porque eles estão brincando praticamente só, aí você sabe uma brincadeira sem direcionamento [...] na Educação Infantil, a interação e a brincadeira é a palavra-chave, porque eles aprendem brincando, principalmente no berçário [...].

A fala da professora Mel, considera que existe o planejamento e também tem muitas brincadeiras que acontecem de forma livre. A dificuldade encontrada é que nessa sala não existe profissional suficiente para suprir a necessidade das crianças, com isso, a brincadeira torna-se fragmentada, pois as crianças não são direcionadas, apenas há uma visão distanciada da professora, entretanto, não interagi com elas da forma que devia, não podendo intervir e articular as brincadeiras com todas. A partir disso, ocorrem conflitos entre as crianças, como também a visão do brincar fica distorcida na imaginação da criança.

Questões como essas precisam ser repensadas, pois esse entendimento influencia diretamente a vida da criança, já que a professora Mel não tem um acompanhamento diário dessas crianças e não terá como saber se realmente estão sendo desenvolvidos os aspectos: social, cognitivo e motor das crianças. Assim, podemos destacar que a professora deixa claro a importância da brincadeira e a sua preocupação com relação ao tempo que não há para trabalhar diretamente com a brincadeira de forma articulada.

A partir dessas reflexões vimos que nenhuma professora trouxe uma visão do planejamento considerando os espaços e os brinquedos que são utilizados pelas crianças. Segundo Navarro; Prodócimo (2012, p. 634) “As formas de mediação realizadas pelo professor, a organização dos espaços e tempos da escola e dos materiais que se encontram ao alcance das crianças nos momentos de brincadeiras, são atitudes que podem fazer a diferença no brincar da escola.”

Assim, o professor tem esses aspectos a pensar para que a brincadeira seja oportunizada de forma qualitativa na vida das crianças, pois o ambiente, o espaço, o tempo contribuem para a realização de uma brincadeira pautada no processo de ensino-aprendizagem que leve em consideração seu desenvolvimento integral.

Nesse momento trazemos uma visão mais específica em relação às atividades que são priorizadas para trabalhar com as crianças na Educação Infantil. Nesse sentido, é de suma importância compreender quais são as atividades, pois as práticas pedagógicas na Educação Infantil têm uma função essencial para o desenvolvimento da criança. Esta organização de atividades pode contribuir ou não desde que o/a professor(a) tenha uma visão sobre como necessita conduzir esse trabalho com as crianças de zero a cinco anos de idade.

É relevante destacar que o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil expõe sobre a importância de os profissionais refletirem sobre sua prática, para atuar de forma que respeite a diversidade de saberes existente no espaço escolar. Assim, ele é articulado para guiar os professores em suas práticas pedagógicas e na compreensão sobre a criança.

Diante disso, temos um documento que é “[...] um conjunto de referências e orientações pedagógicas que visam a contribuir com a implantação ou implementação de práticas educativas de qualidade que possam promover e ampliar as condições necessárias para o exercício da cidadania das crianças brasileiras” (BRASIL, 1998, p. 13). É a partir disso, que as instituições de creches e pré-escolas precisam estar atentas para promover ações que viabilizem não só o desenvolvimento integral da criança, mas que ela possa exercer sua cidadania e seus direitos nesses ambientes, a partir das práticas pedagógicas oferecidas.

Nesse sentido, a professora Milly apresenta sua fala dizendo que “[...] prioriza, atividades que trabalham linguagem oral [...] contato com a natureza [...] passeio ao ar livre [...] eles trazem muita coisa de casa, como professor tem que escutar o que o aluno está vivenciando não só na escola como em casa”. Já a professora Maitê enfatiza em seu posicionamento: “[...] estou trabalhando pela ordem de vogais, os números [...] natureza e sociedade [...] eu procuro trazer muita coisa relacionado a vida deles [...] trabalhar a família, trabalhar as árvores, [...] meio ambiente [...] a parte de leiturinha [...].”

Percebemos, que a fala das duas professoras se articulam em uma mesma direção, haja vista, que elas demonstram atenção e responsabilidade para a realização das atividades, enfatizando à importância das vivências das crianças, que priorizam nas atividades trabalhadas. Assim, as atividades são diversas, não se tornando algo mecânico, trabalhando com diversas práticas para contemplar o desenvolvimento da criança em sua pluralidade.

As atividades que são realizadas sendo articuladas com a linguagem da criança, em sala de aula, facilita o trabalho do professor, assim, como mostra RCNEI quando diz: “Ao mesmo tempo que enriquece as possibilidades de comunicação e expressão, a linguagem representa um potente veículo de socialização” (BRASIL, 1998, p. 24). Ao tempo que o exercício da linguagem é priorizado, a possibilidade de a criança interagir é maior. Mediante, todas as atividades trazidas por Milly e Maitê, podemos perceber, que elas só serão eficazes e significativas quando há realmente esse trabalho com a linguagem. Para isso, a linguagem é um meio que facilita o trabalho das práticas pedagógicas, já que por meio dela, a criança consegue expor sua visão de mundo, interagir nas atividades, bem como construir seu conhecimento a partir do que é trabalhado na sala.

No cotidiano da Educação Infantil, que envolve essas práticas e atividades para contribuir com o desenvolvimento da criança, Barbosa; Horn (2004, p.67) consideram que “Conseguir apurar essas dimensões da vida dos grupos das crianças garante que as atividades realizadas não se transformam numa monótonas sequências [...] a forma de organizar o trabalho deve possibilitar o envolvimento das crianças em sua construção”.

Vimos, que é importante considerar que quando há essa organização das atividades que prioriza a participação da criança em sala de aula há um diálogo entre professor(a) e crianças, e das crianças entre si, compartilhando ideias. Considerando que as crianças vivem suas infâncias em contextos diversos é essencial que o professor esteja atento a essas múltiplas vivências. Dessa maneira, a ideia trazida pelas professoras contempla uma prática que é organizada e abre espaço para as crianças serem protagonistas do seu próprio desenvolvimento. Na visão da professora Luna,

Por se tratar da idade deles o que prevalece é a brincadeira lúdica, seja o que a gente estiver trabalhando a gente sempre está buscando algo da ludicidade, ou a brincadeira, o cantar [...] busca trazer uma caracterização [...] a gente percebe que atrai muito mais a atenção deles do que se tivesse só uma pessoa lá na frente lendo a historinha [...] jogos, músicas, [...] materiais concretos e lúdicos, [...] a gente percebe que tem muito mais resultado [...].

Sua fala está relacionada a uma prática que tem a ludicidade como ponto de referência para trabalhar em sala, entretanto, o trabalho com a ludicidade, a brincadeira, só interessará realmente a criança, quando há por parte do adulto esse interesse de interagir por meio da brincadeira, apresentando os brinquedos, usando a criatividade nas contações de histórias e propiciando momentos de deleite, que desperte a imaginação e construa momentos de interação. De acordo com a professora Mel as atividades são realizadas a partir da

[...] Contação de história, a montagem, os encaixes com brinquedos, a gente tem a parte de brinquedo ali de fora que é com pula-pula, casinha, a gente leva ali de fora pra desfrutar dos brinquedos, tem balanço, tem pula-pula [...] a televisão, a gente traz muitas histórias infantis, música por meio de DVD, tem a rodinha, agora isso feito com bastante cuidado [...].

Pensando na ação educativa a professora mostra como a brincadeira é valorizada, buscando proporcionar à criança atividades que estejam voltadas para a utilização dos brinquedos, que são disponibilizados nos diversos espaços da creche, ressaltando, que essas atividades não deixam de ser importantes e que precisam ter uma atenção, já que as crianças são pequenas. Com isso, a forma mais instigante para trabalhar é por meio do lúdico, criativo, que favorece um contato direto da criança com esses materiais e com seu processo de construção.

Mediante a fala das duas professoras, a ludicidade se torna a forma facilitadora para desenvolver as ações educativas, sendo indispensável no trabalho em sala com as crianças. Assim, para o RCNEI, as brincadeiras “[...] de faz-de-conta, os jogos de construção [...] como os jogos de sociedade (também chamados de jogos de tabuleiro), jogos tradicionais, didáticos, corporais etc., propiciam a ampliação dos conhecimentos infantis por meio da atividade lúdica” (BRASIL, 1998, p. 28). Todas esses materiais e momentos que podem ser vividos e trabalhados citados pelo Referencial curricular Nacional para a Educação Infantil, são enfatizados também pelas professoras, assim sendo, se eles são desenvolvidos, tanto na sala, quanto em outros espaços permitirão que as crianças vivam múltiplas experiências e desenvolvam expressões de linguagem diversas.

Mediante essas questões, que vem sendo discutidas e analisadas, perguntamos as professoras, o que chamava mais a atenção delas quando as crianças realizam as atividades. Podemos destacar que para a professora Milly o que chama mais atenção é que “[...] muitos deles, [...] tem uma certa maturidade, porque as vezes até conteúdos que a gente não trabalhou ainda [...] eles já sabem [...].” Já a professora Maitê aponta que são “[...] as experiências que eles trazem [...].”

A fala das professoras permite-nos refletir que a criança consegue aprender em espaços que não sejam somente a creche ou pré-escola e a partir daí surge essa maturidade, pelo fato de as crianças trazerem conhecimentos já elaborados que se relacionam com algumas atividades que são propostas em sala. Assim, a criança tem ações que, muitas vezes, desafia ou surpreende o/a professor(a) em suas práticas pedagógicas.

A partir desse relato de Milly e Maitê, a autora Bujes (2001, p. 21) nos mostra a importância da Educação Infantil quando diz que “Tudo isso, leva-me a pensar que a experiência da educação infantil precisa ser muito mais qualificada”. Desse modo, é necessário que a criança consiga ter um contato direto com a realidade para descobrir e se redescobrir diariamente, compartilhando e amadurecendo suas experiências.

A outra professora Luna, nos aponta que o que chama sua atenção é que as crianças mostram, “Aquela vontade de tá sempre interagindo [..] são esses que são mais tímidos e de repente eles apresentam para você algo que te surpreende, que você vê que eles estão evoluindo, se envolvendo, estão participando [...].”

A fala da professora é pertinente, pois essa interação ocorre gradativamente de tal modo, que aquelas crianças que eram mais tímidas conseguem interagir com os demais, isso mostra que quando o/a professor/a está atento a sua prática, atento as crianças de forma a trabalhar para que elas evoluam, cresçam, isso, acaba sendo possível de modo, que as ações desta volta-se para propor meios, estratégias que faça com que a criança tenha progresso e não regrida.

Assim, a fala de Luna está articulada ao RCNEI mostrando que

O desenvolvimento da capacidade de se relacionar depende, entre outras coisas, de oportunidades de interação com crianças da mesma idade ou de idades diferentes em situações diversas. Cabe ao professor promover atividades individuais ou em grupo, respeitando as diferenças e estimulando a troca entre as crianças (BRASIL, 1998, p. 32).

Assim, a interação é um aspecto fundamental para o crescimento da criança, pois alguns são tímidos, outros não, e isso faz parte do processo de se conhecer, de conhecer o outro e de se relacionar com as diferentes pessoas; com os brinquedos; com os espaços e com tudo que se encontra na creche ou na pré-escola. De todo modo, é primordial que haja, por parte da instituição, esse respeito em questão ao tempo de cada uma e as suas particularidades. Para concluirmos, trazemos a fala da professora Mel quando diz:

[...] o que mais chama a atenção é que eles não querem ouvir, eles querem pegar, se é uma Contação de história com o livro, eles querem o livro, se você faz com bexiga eles querem a bola para brincar, estourar, a atenção não está em querer ouvir a gente, está em querer pegar Então tudo que você organiza, o ambiente pra contar história, um tapete, eles querem pisar em cima do tapete, deitar no tapete, nas almofadas, então eu vejo que é mais eles querem pegar, sentir [...].

A exposição da professora em sua fala, mostra que as crianças, interagem de uma forma bem peculiar à sua idade, ao seu período de desenvolvimento, então essas ações das crianças acontecem justamente por elas, quererem tocar os objetos para que possa conhecê-lo. Isso tudo, faz parte de seu desenvolvimento, pois essa estratégia é o meio que as crianças utilizam para conhecer as coisas que estão ao seu redor e ao seu alcance. É relevante enfatizar, que essa etapa exige uma atenção redobrada tanto da família, quanto dos(s) professores(as) que acompanham e contribuem para a formação da criança.

Felipe (2001, p. 30) enfatiza que “[...] ao pegar um objeto, o bebê tem oportunidade de explorar e observar de forma atenta, percebendo suas propriedades (tamanho, cor, textura, cheiro, etc.) e aos poucos vai estabelecendo relações com outros objetos.” O autor dialoga com os estágios de Piaget, em que essas características estão voltadas para o estágio sensório-motor, o qual a criança vai tendo suas atividades direcionadas para manter contato direto com o objeto, o que oportunizará a ela a sentir e conhecer e assim interagir e ir desenvolvendo sua linguagem oral, expressando suas emoções e sentimentos.

Ações essas que podemos perceber mediante a fala de Mel, que retrata bem esse período em que a criança vivencia o estágio sensório-motor e com isso, tem essas atitudes bem expressivas, dessa necessidade de estar em contato direto com os brinquedos, como também com os materiais utilizados na hora das brincadeiras e em tantos outros momentos vivenciados na creche.

**Considerações Finais**

Assim, foi notável como a brincadeira é valorizada, pois a ênfase que as professoras sempre enfatizam em suas falas que esse momento é essencial, que promove diversas formas da criança interagir, se desenvolver e socializar seus conhecimentos. É nesse víeis, que notamos como na Educação Infantil ocorre a valorização do brincar, claro, que não podemos generalizar e dizer que todas as instituições pensam nesse seguimento, mas é por meio do contato com a creche e com a pré-escola que muitas crianças acabam tendo essa oportunidade de desfrutar da infância, de ter contato com outras crianças, de brincar, pois muitas não chegam a ter essa chance em seus lares e a Educação Infantil felizmente possibilita a criança de estar em contato com a ludicidade, as brincadeiras e a vivência das infâncias.

A partir dessa pesquisa sobre a(s) infância(s) buscamos compreender quais eram as atividades trabalhadas, e durante toda a coleta de dados, percebemos que são variadas as atividades desenvolvidas, de forma que há um olhar para o trabalho com as experiências das crianças, ressaltando, que todas trabalham, a partir de uma configuração peculiar, articulada a ludicidade e sempre relacionando as atividades a família, as vivências que elas tem fora desse espaço. Pensamos que isso é essencial, pois a criança, é um ser dinâmico e ela nos desafia a pesquisar e a dialogar com vários espaços para lhe proporcionar experiências peculiares ao seu desenvolvimento, para que essa vivência seja cada vez mais qualificada e que atenda aos seus direitos e especificidade amparados em lei.

**Referências**

BARBOSA. C; HORN, M. Organização do Espaço e do Tempo na Escola Infantil. In:

BARBOSA, S. N. F. **A infância, a criança e a educação infantil:** encontros possíveis. Rio de janeiro: PUC-Rio. Departamento de Educação, 2004. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/5394/5394\_3.PDF>. Acesso em: 20 mai. 2018.

BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\_vol1.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2018.

BUJES, M. I. E. Escola Infantil: Pra que te quero? In: CRAIDY, C; KAERCHER, G. (Orgs). **Educação Infantil: pra que te quero?** Porto Alegre: Artmed, 2001.

DORNELLES, L. V. Na escola infantil todo mundo brinca se você brinca. In: CRAIDY, M; KAERCHER, G. E.S. (Orgs). **Educação infantil:** pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

FELIPE, J. O Desenvolvimento Infantil Na Perspectiva Sociointeracionalista: Piaget, Vygotsky, Wallon. In: CRAIDY, C; KAERCHER, G. (Orgs). **Educação Infantil:** pra que te quero? – Porto Alegre: Artmed, 2001.

NAVARO, M.S; PRODÓCIMO, E. Brincar e mediação na escola. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis**, v. 34, n. 3, p. 633-648, jul./set. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v34n3/v34n3a08.pdf>. Acesso em: 23 maio. 2018.

OSTETTO, L. E. Planejamento na educação infantil mais que a atividade, a criança em foco. In: OSTETTO, L. E. (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil:** partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2000.